

Arrastão nos hospitais para manter greve

Sindicalistas percorrem unidades de saúde pública atrás da adesão dos colegas

PARALISÃO REDUZIU O ATENDIMENTO EM GRANDE PARTE DOS HOSPITAIS DA REDE PÚBLICA

KARLA MENDES

O impasse continua entre o servidores de nível médio da Secretaria de Saúde e o governo do Distrito Federal. A reunião entre a direção do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde (Sindicatão), a secretaria de Gestão Administrativa, Maria Cecília Landim, e o secretário de Assuntos Sindicais, Vatanábio Brandão, terminou sem que nenhum acordo fosse fechado. "Não posso oferecer nada porque a proposta que eles fazem representa ônus que dependem de aval do governo federal", explica a secretária.

Uma nova assembléia de servidores foi marcada para hoje, às 10h30, em frente à Secretaria de Saúde. Está programada para amanhã uma manifestação em frente à residência oficial de Águas Claras. "Até agora, o governo não nos ofereceu nenhuma contraproposta", afirma o presidente do Sindicatão, Antônio Agamenon. A estratégia inicial do GDF é endurecer com os sindicalistas e ignorar a greve. O governador Joaquim Roriz e o secretário Jofran Frejat chegaram a dizer que o movimento grevista iniciado na segunda-feira tinha falhado. As negociações chegaram a ser suspensas. No entanto, a greve conseguiu reduzir significativamente o número de atendimentos em boa parte dos hospitais da rede pública. Com isso, o governo teve de voltar atrás e tentar um acordo



MAURÍCIO CAMARGO

AMBULATÓRIO do Hospital de Base recebeu apenas pacientes para internações e emergências

com os grevistas.

Segundo a diretoria do Sindicatão, 70% da categoria está parada. Mas boa parte dos servidores que estão trabalhando - a lei exige que 30% do pessoal mantenha o serviço, considerado essencial - usam adesivos de apoio à greve. De acordo com Antônio Agamenon, a adesão foi menor, entre 40% e 50%, apenas nos hospitais regionais do Guará e Ceilândia. "Estamos mantendo normalmente os atendimentos

de emergência". No Hospital de Base, o ambulatório costuma ficar lotado: a média de consultas chega a mil pessoas. Ontem, sobravam cadeiras. O laboratório que atende 300 pacientes por dia recebeu pouco mais de 40, para internações e emergências.

Da pauta de 52 itens, dois são fundamentais para os trabalhadores: os tíquetes e a implantação de mudanças no plano de carreira. Segundo o diretor do Sindicatão, Adonias

Filho, no atual plano, com dez anos de serviço público, o trabalhador não tem mais como

subir na carreira. A mudança terá de ser aprovada na Câmara Legislativa. Os tíquetes, cuja concessão é regulada por lei, deixaram de ser pagos pelo GDF em janeiro de 1996.

Durante a manhã de ontem, os sindicalistas fizeram "arrastão" em vários hospitais para convencer os colegas que trabalhavam normalmente a comparecer à assembléia geral, realizada em frente à Câmara Legislativa. A iniciativa gerou uma guerra de informações. A Secretaria de Saúde chegou a divulgar que os grevistas teriam desligado aparelhos impedindo cirurgias no Hospital de Base. No final do dia, a direção do hospital informou que os únicos aparelhos desligados foram na lavanderia e por apenas dez minutos.